



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

FAMÍLIA, GÊNERO E TRANSEXUALIDADE: UM OLHAR ANTROPOLÓGICO SOBRE AS EXPERIÊNCIAS TRANS EM NATAL/RN

Marcos Mariano Viana da Silva¹

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – marcosmariano08@yahoo.com.br

RESUMO:

O estudo pretende abordar as relações familiares de travestis e transexuais a partir de um ponto de vista antropológico, tentando observar as experiências trans em suas multiplicidades de arranjos familiares contemporâneos. O conceito de gênero, os estudos antropológicos sobre a família e as contribuições da Teoria Queer farão parte do referencial teórico do trabalho. A metodologia da pesquisa está baseada na noção de etnografia com entrevistas face a face e observação direta, e na adoção de uma postura cartográfica de intervenção no campo. A proposta de investigação é estudar os modos de vida de duas famílias que contêm travestis e/ou transexuais em seu ambiente doméstico, entrevistando as mães das travestis e/ou transexuais com o intuito de desvelar as diversidades de estilos de vida e de estratégias de produção de subjetividades e construção identitária das colaboradas da pesquisa.

Palavras-chave: Família, travestis, transexuais, mães, gênero.

¹ Mestrando do programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Orientadora: Profa. Berenice Bento.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

INTRODUÇÃO

Este artigo pretende debruçar-se sobre as relações familiares de travestis e/ou transexuais em Natal-RN. Neste trabalho, preferimos recortar o nosso campo² e analisar com base nos estudos desenvolvidos ao longo da disciplina “Antropologia das relações de gênero e sexualidades³”, duas famílias que contêm em seu ambiente doméstico uma travesti e/ou transexual. Usamos como metodologia a etnografia através de observação direta, entrevistas presenciais com o uso de aparelho gravador e conversas informais sem o uso do aparelho de gravação. Para este trabalho, elegemos duas figuras principais que irão colaborar com as nossas interpretações antropológicas através de suas narrativas. Essas duas figuras são: a mãe da travesti Sheila e a mãe da transexual Fabiana⁴. Elas duas irão nos guiar com suas lentes de mães através dos momentos vividos com suas filhas para que possamos visualizar temas importantes para a nossa investigação antropológica.

No início do artigo, descreveremos os nossos dois casos, tentando responder as perguntas: como são essas duas famílias? E como chegamos até elas? Em seguida, apresentaremos as narrativas das mães, tentando dialogar com a teoria antropológica e com as etnografias já realizadas com travestis e/ou transexuais. Na segunda parte, pretendemos abordar um tema que se mostrou recorrente nos dois casos estudados: como a ideia de consumo afeta a família das travestis e/ou transexuais? Por fim, concluiremos com alguns apontamentos e pistas que estão sendo seguidas para o desenvolvimento dessa pesquisa.

² Este trabalho teve início na pesquisa de monografia do pesquisador e é uma parte do que está sendo desenvolvido no projeto de dissertação para obtenção do título de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais na Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

³ Disciplina ofertada pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRN e ministrada pela prof^a. Dr.^a Rozeli Porto.

⁴ Os nomes usados neste artigo são fictícios.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

AS FAMÍLIAS

Sheila é uma travesti com 29 anos de idade que mora na casa dos pais no bairro do Alecrim em Natal-RN. Reside com sua mãe, seu pai e um irmão mais novo. O irmão mais velho de Sheila não reside na casa dos pais, ele é amigo do pesquisador e foi através dele que se deu a aproximação com Sheila e sua família. As entrevistas aconteceram na casa da própria Sheila, houve várias conversas informais, cinco entrevistas sem o uso do gravador e duas entrevistas com Sheila utilizando o aparelho de gravação; uma entrevista gravada com a sua mãe (que foi dividida em dois momentos, com a ausência e a presença de Sheila).

Mãe de Sheila: Quando ele nasceu, depois de um ano de nascido eu já comecei a enxergar coisas que não era normal pra ser um menino homem. Eu acho assim que a gente quando tem filho, quando eles nascem, as vezes a mãe porque precisa trabalhar fora, sair, que tem que batalhar mesmo, não presta muita atenção ao filho, mas a gente que é só dona de casa, já se liga mais no jeito, nas brincadeiras, que foi assim que eu comecei a notar.

A mãe de Sheila é dona de casa, mora numa casa simples e é de classe média baixa. Durante a infância de Sheila, trabalhava com lavagem de roupa e manicure, chegou a montar um bar simples, mas por causa do marido que bebia junto com os clientes, acabou indo a falência. Para ela, Sheila já nasceu com uma essência feminina, devido à observação dos trejeitos e das brincadeiras preferidas pela filha.

Mãe de Sheila: Eu tiro logo pelas brincadeiras porque não tinha brincadeira de biloca, não tinha brincadeira de bola... As brincadeiras era o quê? Brincadeira de boneca e de lencinho na cabeça, isso não é brincadeira de homem... E esconde-esconde. Pronto,



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

eram as brincadeiras que eles gostavam de fazer... E de aula. E assim foi crescendo nesse sistema, eu não podia mudar.

Apenas com essas passagens citadas acima, podemos começar a problematizar o conceito de gênero, explicitando como o conceito de gênero é entendido no nosso campo e como pretendemos trabalhar com esse conceito. Para Sheila e a sua mãe, gênero é algo inato que não está preso à genitália com a qual nascemos, uma vez que, a mãe de Sheila afirma:

Mãe de Sheila: Não é opção! Porque ninguém vai optar pra ser isso nem aquilo, né? Ninguém vai! Uma coisa que eu fico indignada é quando uma pessoa diz assim: “é opção de vida dele”. Não é opção! Porque a pessoa vai crescer e não vai optar pra ser gay, a pessoa não vai optar pra ser sapatão, ninguém vai optar por isso, quer dizer, isso já é da nascença, já nascem assim.

Em outro momento, a própria Sheila completa: *“Ah, eu me acho mulher... Só por conta de um... Como é que dizem? Um algo a mais, mas eu continuo me achando e sendo uma mulher”*. Simone de Beauvoir em sua obra *O Segundo Sexo* de 1949 pondera que *“Não nasce mulher, torna-se”*. Essa afirmação evidencia o movimento de trânsito, do tornar-se, desnaturalizando assim a identidade feminina, ou seja, não é necessário ter uma vagina para se tornar uma mulher. A obra de Beauvoir e a segunda onda do movimento feminista se apoiaram na construção de uma figura universal da mulher que se mostrou muito importante para o fortalecimento da luta política de identidade e da igualdade de gênero. Entretanto, posteriormente, os estudos de gênero entenderam que era preciso problematizar as diferenças do ser mulher no mundo, ou seja, as divergências entre ser mulher branca ou negra, rica ou pobre, hétero ou lésbica. Na década de 1990, Joan Scott (1995) apresenta a noção de gênero como uma categoria útil de análise histórica, definindo gênero como sendo *“um elemento*



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder” (SCOTT, 1995, p. 21). Com isso, Scott evidencia um caráter relacional dos papéis de gênero através das diferenças sexuais e das relações de poder, porém ainda não consegue fugir da representação binária dos gêneros. A representação binária é ainda recorrente nas narrativas das colaboradoras de pesquisa. O trânsito de gênero das travestis e/ou transexuais ainda é narrado por elas mesmas como uma tentativa de alcançar uma condição equivalente a uma situação natural que não foi atribuída no nascimento por terem vindo ao mundo com uma genitália errada e terem sido criadas como pertencentes a uma identidade de gênero que elas não se reconheciam.

Nesse artigo, temos a intenção de trabalhar os estudos de gênero afinados à terceira onda do feminismo, vinculando-nos à teoria *queer*. A teoria *queer* é um desdobramento dos estudos gays e lésbicos que sofreu influência de Michel Foucault em sua obra *História da Sexualidade*, principalmente o primeiro volume *A vontade de saber*, publicado pela primeira vez em 1976 e que apresentou a sexualidade como um dispositivo histórico de poder-saber. Com isso, os estudiosos inspirados por Foucault visualizaram uma brecha para analisar criticamente a matriz heterossexual. Judith Butler é reconhecida mundialmente como uma das maiores pensadoras da teoria *queer* atualmente, na sua obra *Problemas de Gênero*, publicado originalmente em 1990, ela expõe que é possível desnaturalizar a matriz heterossexual rompendo com a linearidade imposta à tríade sexo-gênero-sexualidade. Detalharemos mais sobre essa questão após apresentarmos o nosso segundo caso, a família de Fabiana.

Fabiana é uma transexual jovem de apenas 16 anos. Ela chegou até a pesquisa graças a ex-companheira da mãe de Fabiana que começou a frequentar o mesmo grupo de estudos que eu frequentei durante o ano de 2014 sobre teoria *queer* na UFRN⁵. Fabiana chegou a ir a uma reunião do grupo de estudos, mas quando foi perguntada como ela gostaria de ser chamada, respondeu o nome masculino. No dia que fomos apresentados à Fabiana, minha colega do grupo de estudos, apresentou-a como um sobrinho muito querido, por isso me referirei por enquanto a ex-companheira da mãe de Fabiana como tia dela. Na primeira vez que a tia de

⁵ Grupo de estudos do Núcleo Tirésias-UFRN, reúne pesquisadores sobre as questões gays, lésbicas e trans de várias áreas do conhecimento e é coordenado pelo Prof. Dr. Antônio Vladimir Felix da Silva.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Fabiana foi à reunião do nosso grupo de estudos, ela justificou seu interesse pela atividade por estar vivendo uma situação na família de uma pessoa muito próxima que estava passando pelo processo de transição de gênero e ela não sabia como se comportar diante da situação. O coordenador do nosso grupo orientou-a que ela conversasse comigo porque eu poderia ajudar com alguns esclarecimentos e acompanhar esse processo, nós conversamos e ela se mostrou bastante preocupada com a forma que deveria tratar Fabiana. A tia de Fabiana percebeu que ela estava um pouco diferente, com formas corporais mais arredondadas, estava deixando o cabelo crescer e andava nos últimos tempos mais distante, isolada da família. Numa visita, a tia aproveitou que estavam sozinhas e perguntou o que estava acontecendo, Fabiana abriu o jogo e contou que tinha algumas amigas trans, que estava tomando hormônios há cerca de um ano e meio e que “ele” gostaria de ser “ela”. Naquele momento, Fabiana ainda se vestia de maneira andrógina e não quis falar para sua tia o seu nome social. Dito isso, eu e a tia de Fabiana conversamos sobre alguns temas, eu dividi com ela algumas experiências recolhidas no meu processo de pesquisa tanto da monografia quanto do mestrado, contei de narrativas de famílias que apoiaram as suas filhas quando elas começaram o processo de hormonização e de se vestir com roupas do outro gênero. Também citei algumas etnografias que relatavam ou casos de expulsão ou de violência doméstica cometida pelos próprios familiares das trans ou de aceitação por parte dos familiares, como é o caso dos trabalhos de Don Kulick (2008), Marcos Benedetti (2005), Larissa Pelúcio (2007), Hélio Silva (1993; 2007), Flávia do Bonsucesso Teixeira (2009), Anne Damásio (2009), Tiago Duque (2009), Fernanda Cardoso (2009) e Luma Nogueira de Andrade (2012).

Nesse momento, é importante ressaltar que a metodologia da pesquisa teve que mudar, partimos para uma cartografia com a perspectiva de acompanhar processos de produção de subjetividades e formações do desejo no campo social através de uma pesquisa intervenção.

A cartografia - diferentemente do mapa, representação de um todo estático - é um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

transformação da paisagem. Paisagens psicossociais também são cartografáveis. A cartografia, nesse caso, acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos - sua perda de sentido - e a formação de outros: mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornaram-se obsoletos. Sendo tarefa do cartógrafo dar língua para afetos que pedem passagem, dele se espera basicamente que esteja mergulhado nas intensidades de seu tempo e que, atento às linguagens que encontra, devore as que lhe parecerem elementos possíveis para a composição das cartografias que se fazem necessárias. O cartógrafo é antes de tudo um antropófago (ROLNIK, 2011, p. 23).

Desse modo, essa etapa da pesquisa se deu como fazem Ramão, Meneghel e Oliveira (2005), seguindo os caminhos e cartografando as subjetividades. As autoras que cartografaram a subjetividade de mulheres em situação de violência de gênero, fizeram oficinas grupais e descreveram como afetaram e foram afetadas pelo campo. No nosso caso, resolvemos intervir através da proposta de um exercício a ser realizado pela tia de Fabiana com sua sobrinha e que era constituído em duas partes.

- a) Chamar “ele” de ela e estar atento à reação dela.
- b) Tentar deixa-la à vontade para que ela comece a se montar em casa e não primeiramente na rua.

Combinamos que nos encontraríamos em algumas semanas para saber se houveram avanços ou mudanças na relação familiar e nas atitudes de Fabiana e sua família. Com isso, invertemos a lógica de desenvolver um trabalho como um caminho com metas pré-estabelecidas (*metá-hódos*), visto que:

A cartografia propõe uma reversão metodológica: transformar o *metá-hódos* em *hódos-metá*. Essa reversão consiste numa aposta na experimentação do pensamento



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

- um método não para ser aplicado, mas para ser experimentado e assumido como atitude (PASSOS, KASTRUP, e ESCÓSSIA, 2009, p. 10).

É intervindo no campo e sendo afetado pelos suas intensidades, pelos seus muros/obstáculos, pelas suas variações e possibilidades que enxergaremos a multiplicidade de agenciamentos de subjetivação (GUATTARI e ROLNIK, 1996) das pessoas trans e suas famílias cartografadas.

Assim, a cartografia social aqui descrita liga-se aos campos de conhecimento das ciências sociais e humanas e, mais que mapeamento físico, trata de movimentos, relações, jogos de poder, enfrentamentos entre forças, lutas, jogos de verdade, enunciações, modos de objetivação, de subjetivação, de estetização de si mesmo, práticas de resistência e de liberdade. Não se refere a método como proposição de regras, procedimentos ou protocolos de pesquisa, mas, sim, como estratégia de análise crítica e ação política, olhar crítico que acompanha e descreve relações, trajetórias, formações rizomáticas, a composição de dispositivos, apontando linhas de fuga, ruptura e resistência (PRADO FILHO e TETI, 2013, p. 47).

Com a nossa metodologia empregada para estudar esse caso explicada, podemos retornar ao conceito chave da nossa investigação. A noção de gênero para pensar as relações de poder exercidas no espaço da família. Judith Butler (2003) desconstrói a noção de gênero que defende a dualidade sexo/gênero como o sexo sendo identificado com a natureza e o gênero com a cultura. Segundo a autora, a ideia de que o sexo é natural e o gênero culturalmente adquirido, faz com que seja atribuída a noção de gênero um caráter de essência. “*Nesse caso, não a biologia, mas a cultura se torna o destino*” (BUTLER, 2003, p. 26). Nesse esforço de dessencializar o gênero, Butler trata da metafísica da substância, ou seja, a visão de que o gênero é um atributo da pessoa que tem como característica ser classificada essencialmente como uma substância ou um núcleo de gênero



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

preestabelecido. A autora atenta que os estudos de gênero vêm se desenvolvendo no caminho de compreender o gênero como uma relação entre sujeitos constituídos contextualmente. *“Como fenômeno inconstante e contextual, o gênero não denota um ser substantivo, mas um ponto relativo de convergência entre conjuntos específicos de relações, cultural e historicamente convergentes”* (BUTLER, 2003, p. 29).

Para Butler, é possível fazer uma teoria social sobre o gênero retirando o sexo do campo da natureza:

Talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nenhuma [...]. Se o sexo é, ele próprio, uma categoria tomada em seu gênero, não faz sentido definir o gênero como a interpretação cultural do sexo. O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado (uma concepção jurídica); tem de designar também o aparato mesmo de uma produção mediante o qual os próximos sexos são estabelecidos. Resulta daí que o gênero não está para a cultura como o sexo para a natureza; ele também é o meio discursivo/cultural pelo qual “a natureza sexuada” ou “um sexo natural” é produzido e estabelecido como “pré-discursivo”, anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra sobre a qual age a cultura (BUTLER, 2003, p. 25).

Com isso, a autora possibilita pensar o corpo como uma situação⁶ interpretado por meio de significados culturais, problematizando assim a imagem da mulher e adicionando outras identidades como sujeitas do feminismo. A autora também denuncia que a nossa sociedade está dominada por uma ordem compulsória sustentada sobre uma matriz heterossexual que coloca que o sexo, o gênero, práticas sociais e o desejo dos/as sujeitos/as são obrigados a existir com uma total coerência, ou seja, que devem existir seguindo a linearidade do modelo heterossexual. É a obrigatoriedade dessa coerência nas relações

⁶ Simone de Beauvoir (1987).



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

entre sexo – gênero – práticas sexuais – desejo, que impulsionam e caracterizam os investimentos da família na construção dos gêneros dos filhos.

Bento (2006) aborda a condição de vida de transexuais no Brasil e na Espanha submetidas à autoridade dos procedimentos clínicos para conseguirem realizar a cirurgia de readequação sexual, e fazendo uso da teoria da performance da própria Judith Butler, reflete sobre a relação entre gênero e corpo. A autora afirma:

Antes de nascer, o corpo já está inscrito em um campo discursivo determinado. Ainda quando se é uma “promessa”, um devir, há um conjunto de expectativas estruturadas numa complexa rede de pressuposições sobre comportamentos, gostos e subjetividades que acabam por antecipar o efeito que se supunha causa (BENTO, 2006 p. 86).

Os investimentos da família sobre a construção do gênero dos/as filhos/as começam quando o médico anuncia: “é um menino!” ou “é uma menina!”, a partir daí se inicia uma série de expectativas, suposições e aquisições materiais e simbólicas, como por exemplo, a escolha das roupas do bebê, dos brinquedos e a escolha do nome da criança. Esse conjunto de práticas faz com que todos os códigos que marcam a construção do gênero num corpo recém-nascido sejam vistos e socialmente repetidos como naturais.

Não há corpos livres, anteriores aos investimentos discursivos. A materialidade do corpo deve ser analisada como efeito de um poder, e o sexo não é aquilo que alguém tem ou uma descrição estática. O sexo é uma das normas pelas quais “alguém” simplesmente se torna viável, que qualifica um corpo para a vida inteligível. Há uma amarração, uma costura, ditada pelas normas, no sentido de que o corpo reflete o sexo, e o gênero só pode ser entendido, só adquire vida, quando referido a essa relação. As



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

performatividades de gênero que se articulam fora dessa amarração são postas às margens, pois são analisadas como identidades “transtornadas” pelo saber médico (BENTO, 2006, p. 89).

Podemos compreender performances de gênero como uma estratégia que denuncia na sua própria prática e incorporação pelos sujeitos, o caráter cultural do sexo e do próprio gênero. Seguindo a análise de Butler e as contribuições de Bento, podemos dizer que as travestis e as transexuais brincam com as performances de gênero desafiando a lei da coerência heterossexual que determina que se o sexo-genitália for um pênis, o sujeito tem que ter como identidade de gênero a imagem daquilo que é atribuído ao homem-macho, uma prática social baseada na masculinidade e o desejo heterossexual, ou seja, ter vontade de se relacionar com mulheres. Do mesmo modo, se o sexo-genitália for uma vagina, a identidade de gênero tem que ser a imagem daquilo que é atribuído a uma mulher-fêmea, a prática social alicerçada na feminilidade e o desejo tem que ser destinado a pessoas do sexo oposto, ou seja, homens. Essa lei da coerência heterossexual resiste nos espaços de socialização e de controle, como é a família, e marca uma ordem social vigente que ao mesmo tempo em que diferencia o hetero/homo, naturaliza a heterossexualidade e torna-a compulsória. Essa estrutura que coloca a heterossexualidade como fundamento da sociedade, Michael Warner nomeou de heteronormatividade. Richard Miskolci (2009) interpreta o conceito de Warner e esclarece heteronormatividade como sendo:

Um conjunto de prescrições que fundamenta processos sociais de regulação e controle, até mesmo aqueles que não se relacionam com pessoas do sexo oposto. Assim, ela não se refere apenas aos sujeitos legítimos e normalizados, mas é uma denominação contemporânea para o dispositivo histórico da sexualidade que evidencia seu objetivo: formar todos para serem heterossexuais ou organizarem suas vidas a partir do modelo supostamente coerente, superior e “natural” da heterossexualidade (MISKOLCI, 2009, p. 156-157).



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

A crítica sobre a heteronormatividade e as análises sobre a sexualidade como dispositivos históricos de poder norteiam os estudos *queer*⁷ que conforme elucidou o sociólogo Steven Seidman, a Teoria Queer seria o estudo “*daqueles conhecimentos e daquelas práticas sociais que organizam a sociedade como um todo, sexualizando – heterossexualizando ou homossexualizando – corpos, desejos, atos, identidades, relações sociais, conhecimentos, culturas e instituições sociais*” (SEIDMAN, 1996, p. 13 apud Miskolci, 2009, p. 154).

SOBRE SER TRAVESTI, TRANSEXUAL, MORAR EM CASA E CONSUMIR.

Mãe de Sheila: A gente tem que tomar uma decisão, a gente tem... Uma coisa que eu digo muito. Quando a gente tem um filho assim ou você abraça ou bota na rua, a escolha da gente foi abraçar porque a rua é muito cruel, a rua lá fora é muito cruel, então eu sabia que eu podia sofrer muito mais sabendo que ele ‘tava’ na rua sofrendo milhões de humilhações, sofrendo porrada, isso e aquilo, então a gente preferiu abraçar e não me arrependo de ter abraçado, nem o pai também porque o pai dele é cabeça, aceita e tudo que ele quer é aquele cuidado, tanto que o cuidado que eu tenho o pai tem, aonde ele ‘tá’, o pai quer saber, quando ele precisa de alguma coisa que pede pra o pai comprar, o pai compra sem problema nenhum.

Há uma diferença entre o gênero vivido e o gênero construído (MOORE, 2000), até porque o indivíduo assume várias posições de sujeito. É sobre as fantasias de identidade que trataremos nesse capítulo. Como é fazer programa, voltar pra casa e ser recebida pela sua mãe? E como é não ter dinheiro para comprar acessórios e roupas para o investimento na sua identidade de gênero?

Agora não é mais possível analisar discursos sobre gênero, onde quer que ocorram, sem reconhecer as maneiras pelas quais estão implicados em processos mais amplos de mudança econômica e política muito além do controle das comunidades locais. A

⁷ O termo *Queer* em inglês, indica um xingamento, algo que poderia ser traduzido como mais próximo do uso em português do termo “bicha”. Por ser usado como uma denotação de anormalidade, perversão e desvio, a palavra foi adotada academicamente para desenvolver uma analítica da normalização focada na sexualidade (MISKOLCI, 2009).



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

experiência pessoal do gênero e das relações de gênero está ligada ao poder e às relações políticas em diversos níveis. Uma consequência disso é que fantasias de poder são fantasias de identidade (MOORE, 2000, p. 35)

A discussão trazida por Moore nos traz o tema que não existe um só modo de viver a nossa identidade. Somos homens, mulheres, travestis e transexuais vivendo em nossas variedades de existências e nos diferenciando graças aos nossos contextos sociais. Maria Luiza Heilborn (1996), também problematiza sobre essa questão em outros termos quando apresenta a noção do ser ou estar homossexual. Nesse estágio da nossa pesquisa, pretendemos problematizar inspirados pelos textos sobre como é ser filha, como é estar ‘puta’, como é namorar ‘machão’, ‘comer viado’ e morar na mesma casa que a sua mãe. Nas conversas com a mãe de Sheila, ela se mostrou bastante preocupada com o fato da filha se prostituir.

Mãe de Sheila: Tenho pavor! Eu tenho pavor, eu não gosto, eu não gosto e combato vinte quatro horas isso porque isso não me dá nenhum prazer na vida. Eu também acho que pra ela não tem necessidade disso porque tudo que quer tem dentro de casa, não é rica e nem eu sou rica, meu marido... A gente depende do pai, mas é o tipo do pai que tudo que precisar tem, então não precisa disso, eu não gosto.

Percebemos com isso uma tensão nas relações familiares, o fato de que a filha preferir se prostituir para ganhar dinheiro e investir no próprio corpo é algo que estremece as relações de poder no espaço doméstico. Kulick (2008) na sua etnografia em Salvador acompanha os investimentos corporais que as travestis assumem, como por exemplo, a aplicação de silicone industrial, a importância na arrumação dos cabelos, a compra de roupas e até mesmo o fato de algumas travestis sustentarem seus parceiros fixos. Sheila argumenta que se prostitui para comprar coisas de sua necessidade e desejo, como fazer a unha, o cabelo, comprar roupas e acessórios que segundo ela são caros e que não daria para comprar com um salário mínimo.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Mãe de Sheila: Quem escolhe essa vida de prostituição... É uma vida arriscada. Eu não gosto, o pai não gosta, mas é uma coisa que é dela querer, então isso a gente não gosta, mas você não pode fazer nada.

Sheila: Porque eu tenho minha profissão de cabelo, mas não 'tá' dando, mas o que aparecer, uma faxina, alguma coisa, eu faço, mas se aparece um programa, a pessoa 'tá' precisando eu vou mesmo, mainha não gosta, mas eu vou...

A mãe de Fabiana também se mostrou muito preocupada com essa questão, ela tinha medo da sobrinha se prostituir porque as amigas trans de Fabiana eram muito bonitas, algumas se prostituíam e enquanto a maioria das amigas dela têm dinheiro para investir no próprio corpo e se vestirem com roupas caras, Fabiana sente essa necessidade, mas não sabe como porque não tem condições. Após a nossa primeira conversa, a tia de Fabiana depois de algumas semanas me procurou para conversar novamente, ela disse que Fabiana tinha se assumido dentro de casa, que agora ela a chamava de “ela” sempre e só pelo nome social. Depois de alguns dias, Fabiana e a tia vieram até a UFRN me encontrar, Fabiana já estava bem diferente, vestida com roupas femininas e maquiagem. Nesse dia, a tia de Fabiana a apresentou assim: “essa é minha filha, Marcos”. Nesses dois casos, podemos perceber os efeitos do capitalismo na vida das pessoas trans. Suely Rolnik (1996) apresenta a noção de identidades *prêt-à-porter*, ou seja, prontas para serem consumidas. A própria imagem da mulher comercializada como tendo que ser razoável aos padrões de beleza reproduzidos pela mídia, faz com que as travestis e transexuais também se encaixem, às vezes sem problematizar, aos princípios machistas de o corpo deve ser um produto desejado e exaltado. Rolnik (1996) expõe um mercado variado de drogas que sustenta e produz modelos identitários e representacionais ilusórios que desprezam as singularidades. Esse mercado vai das drogas produzidas pela indústria farmacêutica, passa pelas drogas produzidas pela televisão/mídia, pela literatura de auto-ajuda e chega até as dietas *light/diet* que modelam



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

corpos e subjetividades, influenciando também a busca de travestis e transexuais pelo corpo “perfeito” para ser elogiado e cobiçado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa com Fabiana e com Sheila ainda está em andamento e pretendemos aprofundá-la. Esses foram apenas alguns aspectos que estamos trabalhando com as nossas colaboradoras. Há outras famílias envolvidas no projeto de pesquisa e o nosso principal objetivo é investigar as multiplicidades e singularidades de seus modos de vida diante de uma sociedade de fundamentos heteronormativos (BUTLER, 2003) e produtora de processos globalizados de subjetivação capitalística (GUATTARI e ROLNIK, 1996).

Neste recorte para o nosso artigo, tivemos a intenção de apresentar famílias que convivem com uma travesti e uma transexual dentro de casa. Escolhemos dois casos bem diferentes, uma com quase trinta anos de idade e outra ainda muito jovem para mostrar as versões de suas mães, pessoas que têm grande importância na vida delas, pois dentro das relações de poder intrafamiliares, a figura da mãe nesses casos ocupa um papel central.

Partindo da concepção de poder, conforme elabora Foucault, constataremos que o poder não está em lugar específico, ao contrário, encontra-se presente em todos os lugares. Como negar que a mãe exerce cotidianamente seu *quantum* maior de poder sobre o filho? Ela é, em parte, responsável pela constituição moral da criança, sendo que este processo de “inculcação” das verdades é feito às vezes de forma branda, tranquila, outras vezes, com ameaças, gritos e muitas vezes com violência. Com uma mão afaga o filho, com a outra ela também pode puni-lo, e isto é aceito socialmente. O poder não é algo centralizado, é difuso e estende sua rede capilar por toda a sociedade (BENTO, 2012, p. 70).



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Com essa concepção de poder em mãos, nós estamos tentando encontrar e perseguir nossas pistas para desdobrar analiticamente as relações familiares das nossas colaboradas de pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Luma Nogueira de. *Travestis Na Escola: Assujeitamento ou Resistência à Ordem Normativa*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação. Fortaleza, 2012.

BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

BENEDETTI, Marcos Renato. *Toda feita: o corpo e o gênero das travestis*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BENTO, Berenice. “A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual”. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

_____. *Homem não tece a dor: queixas e perplexidades masculinas*. Natal, RN: EDUFRN, 2012.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro: 2003.

CARDOSO, Fernanda. *Das Dimensões da Coragem: sociabilidades, conflitos e moralidades entre travestis em uma cidade no sul do Brasil*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Florianópolis, 2009.

DAMÁSIO, Anne Christhine. *Botando corpo (re)fazendo gêneros: uma pesquisa etnográfica entre travestis e drag queens*. Tese de doutorado. Natal, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2009.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

DUQUE, TIAGO. Montagens e desmontagens: vergonha, estigma e desejo na construção das travestilidades na adolescência. Tese de Doutorado. São Carlos, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, 2009.

FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade, vol. 1 – A vontade de saber. 18ª edição, Rio de Janeiro, Graal, 2007.

GUATTARI, FÉLIX e ROLNIK, Suely. Micropolítica – Cartografias do desejo. Editora Vozes, Petrópolis, 1996.

HEILBORN, M. L. Ser e estar homossexual. In: Sexualidades brasileiras. Rio de Janeiro, 1986.

KULICK, Don. Travesti- prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.

MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. Sociologias, Porto Alegre, ano 11, nº 21, jan./jun. 2009, p, 150-182.

MOORE, Henrietta. “Fantasias de poder e fantasias de identidade: gênero, raça e violência”. Cadernos Pagu, 14, 2000, pp. 13-44.

PASSOS, Eduardo e BARROS, Laura Pozanna. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, VÍRGÍNIA e ESCÓSSIA, Liliana (org.). “Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade”. Sulina, Porto Alegre, 2009.

PELÚCO, Larissa. Nos nervos, na carne, na pelo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de Aids. Tese de doutorado. São Carlos, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2007.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

PRADO FILHO, Kleber e TETI, Marcela Montalvão. A cartografia como método para as ciências humanas e sociais. Barbarói, Santa Cruz do Sul, n.38, p.<45-59>, jan./jun. 2013.

RAMÃO, Silvia Regina; MENEGHEL, Stela Nazareth; OLIVEIRA, Carmen. Nos caminhos de Iansã: cartografando a subjetividade de mulheres em situação de violência de gênero. Revista Psicologia & Sociedade; n. 17(2), p. 79-87; Porto Alegre, ago. 2005.

ROLNIK, Suely. Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo. Sulina: Porto Alegre; Editora da UFRGS, 2011.

_____. Toxicômanos de identidade - subjetividade em tempo de globalização. Caderno "Mais!" da Folha de São Paulo. São Paulo, 19/05/96.

SCOTT, Joan. Gênero : uma categoria útil de análise histórica. Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995.

TEIXEIRA, Flávia do Bonsucesso. Vidas que desafiam corpos e sonhos: uma etnografia do construir-se outro no gênero e na sexualidade. Tese de Doutorado. Campinas: IFCH – UNICAMP, 2009.